

## A LITERATURA INFANTO-JUVENIL NA CORDA BAMBA THE LITERATURE FOR CHILDREN AND TEENAGERS IN THE TIGHTROPE

FERNANDES, V. R. O; SOUZA, P. L. S. (orient.)

Faculdades Integradas de Ourinhos/FIO/Letras; Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Jacarezinho/UENP-FAFIJA/Estudos Lingüísticos e Literários

### Resumo

Afirmar que a literatura infanto-juvenil está na corda bamba, não reflete exatamente a atual situação dessa divisão da arte literária, que já foi considerada objeto menor, mas que atualmente está conquistando, de maneira acentuada, espaço na teoria e na crítica literária. Em *Corda Bamba*, de Lygia Bojunga, encontra-se uma literatura infanto-juvenil de qualidade, marcada, entre outras coisas, pela permissão à presença do leitor, que é convidado a refletir através da história de Maria, uma menina em busca do seu próprio equilíbrio. A análise dessa obra oferece subsídios para a comprovação dessa qualidade, bem como apresenta as características contemporâneas dessa que é uma das mais importantes representantes da literatura infanto-juvenil brasileira.

Palavras-Chave: literatura infanto-juvenil, qualidade literária, contemporaneidade.

### Abstract

To say that the literature for children and teenagers is in the tightrope, does not reflect the current situation of this division of the literary art, that already was considered a lesser object, but that is conquering, in accented way, space in the literary theory and criticism. In *Corda Bamba*, of Lygia Bojunga, there is a high quality literature for children and teenagers, marked, among others things, for the permission to the presence of the reader, who is invited to reflect through the history of Maria, a girl in a search of her own balance. The analysis of this book offers subsidies for the evidence of this quality, as well as presents the contemporaries characteristics of this that is one of the most important representatives of Brazilian literature for children and teenagers.

Kwywords: literature for children and teenagers, literary quality, contemporaneity.

## INTRODUÇÃO

*“A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização...” (Nelly Novaes Coelho, 2000)*

A finalidade desse texto é analisar o livro *Corda Bamba* de Lygia Bojunga, publicado em 1979 dentro de uma das principais características da autora, que é transitar pela tênue linha que separa a fantasia e a realidade. Busca-se também discutir a qualidade da literatura infanto-juvenil, uma vez que esta é considerada por alguns como um objeto menor, embora esteja conquistando, com merecimento, espaço cada vez maior dentro da crítica literária contemporânea.

A tese dessa qualidade literária para jovens e crianças vai ganhando força à medida que se percebe, em *Corda Bamba*, o convite à presença de um leitor que se

identifica com personagens que expõem o seu mundo interior e, somando-se a isso, a existência de um olhar crítico diante de temas sociais contemporâneos.

Gaúcha de Pelotas, Lygia Bojunga Nunes nasceu em 26 de agosto de 1932 e sua primeira publicação foi *Os Colegas* (1972). Seguiram-se a essa obra, *Angélica* (1975), *A Bolsa Amarela* (1976), *A Casa da Madrinha* (1978), *Corda Bamba* (1979), *O Sofá Estampado* (1980), *Tchau* (1984), *O Meu Amigo Pintor* (1987), *Nós Três* (1987), *Livro – um Encontro* (1988), *Fazendo Ana Paz* (1991), *Paisagem* (1992), *Seis Vezes Lucas* (1995), *Feito à Mão* (1996), *A Cama* (1999), *O Rio e Eu* (1999), *Retratos de Carolina* (2002), *Aula de Inglês* (2006), *Sapato de Salto* (2006) e, por fim, *Dos Vinte 1* (2007) no qual a escritora apresenta um trecho de cada um dos vinte livros que escreveu, numa demonstração dos seus principais personagens, que agradam leitores infantis, jovens e adultos.

Dentre as várias premiações de Lygia Bojunga, destacam-se os internacionais Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da literatura infanto-juvenil, e o ALMA (Astrid Lindgren Memorial Award), recebido na Suécia e uma das maiores premiações internacionais conferidas à literatura para crianças e jovens. Sobre as obras da escritora pelotense, Marisa Lajolo e Regina Zilberman escreveram:

“Parentes longínquos das fábulas, mas recusando os valores tradicionais que elas difundiam, todos os livros de Lygia Bojunga Nunes representam, nas histórias que contam, desajustes, frustrações, marginalização social e familiar.” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007: p.157)

A contemporaneidade, marcada por crises e conflitos, é bem representada pela obra de Lygia Bojunga e, *Corda Bamba*, seguindo essa linha, apresenta os desafios diários da pequena Maria, obstáculos esses essenciais à sua sobrevivência. Com a história da menina, artista de circo e filha de equilibristas, que busca o seu próprio equilíbrio, a autora cativa o leitor infanto-juvenil e, através de uma linguagem coloquial, viaja não só ao íntimo da imaginação de Maria, mas de cada um de seus leitores.

## **ANÁLISE ESTRUTURAL, COMPOSICIONAL E TEMÁTICA**

*Corda Bamba*, de Lygia Bojunga, narra a história de Maria, uma menina de dez anos que aprendeu a arte do equilíbrio com os pais, artistas de circo e

protagonistas do famoso número da corda bamba. A narrativa se inicia com Barbuda e Foguinho, artistas do mesmo circo, levando Maria até a casa de sua avó materna, Dona Maria Cecília Mendonça de Melo. Fazia um mês que havia acontecido uma tragédia no circo, envolvendo os pais da menina e, desde então, ela quase não falava mais. Maria viu o que aconteceu, mas ela se portava como se tudo tivesse sido apago da sua memória. De lá sumira praticamente toda a sua infância até então.

Isso começou a mudar quando, na chegada à casa da avó, Maria encontrou muitas crianças, que comemoravam o aniversário de Quico. Ele era neto de Pedro, que por sua vez era o companheiro de Dona Maria Cecília, e entre uma conversa e outra veio à tona a história de que a menina andava na corda bamba. Foi impossível evitar que a criançada ficasse alvoroçada, e Maria, após muita insistência, fez uma apresentação, andando numa corda de nylon que ganhou de Pedro. Foi a primeira vez que ela andou na corda, depois do que acontecera com seus pais.

Maria ficou morando com a avó e, para buscar o equilíbrio necessário aos obstáculos de sua nova vida e do seu crescimento, ela passou a viajar constantemente para o seu interior. Só assim é que conseguiu recordar o passado, começando a sonhar com o seu futuro. Numa dessas viagens, Maria se lembrou do momento em que seus pais caíram da corda bamba e, como atuavam sem rede de proteção para poderem ganhar mais dinheiro, a queda foi fatal. Em meio a todos esses fatos, Lygia Bojunga, dialoga com o seu público, que é levado a refletir sobre vários temas do universo infanto-juvenil.

O título *Corda Bamba* remete o leitor a um sentimento de insegurança e, antes mesmo de ser lida, a obra mexe com o emocional do leitor. No mínimo, a falta de terra firme, que se para uns significa um desafio a ser vencido, para outros é fator impeditivo para prosseguir o seu caminho.

O enredo de *Corda Bamba* segue uma linearidade, no tempo presente, até o momento em que Maria passa a imaginar a sua caminhada na corda para o passado. Nesse instante, é o fluxo de pensamento da personagem quem determina esse enredo, não existindo mais necessariamente começo, meio e fim.

“Sua narrativa flui num ritmo vagaroso, atento à minúcia de comportamento e ambiente que às vezes se aproxima do fluxo de consciência. O resultado é uma narrativa original que, além de romper com a linearidade, parece ter a intenção de colar-se ao modo infantil de perceber e dar significado ao mundo.” (2007: p.158)

No final da narrativa, o futuro também é abordado, quando Maria passa a sonhar como será a sua vida e, nesse encerramento, pode-se perceber a aproximação dessa obra de Lygia Bojunga com os contos de fadas, uma vez que existe uma mensagem de otimismo e esperança.

“O tempo vai passando, mais portas vão aparecendo, e Maria vai abrindo elas todas, e vai arrumando cada quarto, e cada dia arruma melhor, não deixa nenhum cantinho pra lá. Num quarto ela bota o circo onde ela vai trabalhar; no outro ela bota o homem que ela vai gostar; no outro os amigos que ela vai ter. Arruma, prepara, prepara: ela sabe que vai chegar o dia de poder escolher.” (BOJUNGA, 2007: p.143)

O macro-espaço em que está ambientada a obra é a cidade do Rio de Janeiro, um espaço urbano, onde existe o apartamento da avó de Maria, um micro-espaço que divide as atenções com o circo e o corredor da imaginação da menina. Este corredor possui muitas portas, as quais vão sendo abertas uma a uma.

*Corda bamba* é narrado em terceira pessoa por um narrador onisciente, que não somente conta a história, mas que apresenta os sentimentos das personagens. Mesmo sabendo de tudo, esse narrador não revela o passado de Maria, missão que cabe à própria personagem e ao leitor. Sendo emancipador, esse narrador não manipula as idéias de quem lê a obra através de um único ponto de vista, mas permite várias abordagens aos conflitos criados.

Predomina na obra o discurso direto, marcado pelos dois pontos e pelo travessão. Nesses diálogos, na grande maioria representando a fala de crianças ou de adultos conversando com crianças, observa-se uma linguagem coloquial, capaz de refletir os dizeres infantis e demonstrar a língua falada por e para essa faixa etária.

A pequena equilibrista é a personagem principal da narrativa e, sendo a figura centra, é classificada quanto à sua função como protagonista e herói, pois apesar de não possuir características superiores, passa por muitas situações desfavoráveis, vencendo-as à medida que vai se desenvolvendo. Quanto à sua caracterização, Maria se apresenta como redonda, ou esférica, sendo marcada por conflitos internos e mudando o seu comportamento com o decorrer da história. O auto-conhecimento leva Maria ao seu equilíbrio e conseqüente crescimento.

Dona Maria Cecília Mendonça de Melo apresenta-se como a personagem antagonista, quanto à sua função, pois representa a fonte de todas as dificuldades

enfrentadas por Maria. Direta ou indiretamente, a avó da menina é o oposto da imagem de avó que toda criança tem. Além disso, tomando como referência a sua caracterização, a personagem de Dona Maria Cecília tende muito mais para a classificação de indivíduo, com características próprias e totalmente inversas da figura cativante de avó, do que tipo, em que representaria a prepotência das pessoas que podem comprar a tudo e a todos.

As demais personagens se enquadram na classificação de secundárias, por terem uma presença menor no enredo ou, apesar de influenciarem na trama, não participarem de maneira incisiva no desfecho da história. Dentre elas podemos citar os artistas de circo Barbuda e Foguinho, o menino Quico, o senhor Pedro, a professora Dona Eunice e até mesmo os pais de Maria, Márcia e Marcelo, que perderam suas vidas em um número de corda bamba sem a rede de proteção, o que provocou o estado de inércia inicial da menina. Essas personagens, planas em sua caracterização, podem ser consideradas tipos, por representarem os indivíduos comuns da sociedade.

A obra contemporânea de Lygia Bojunga, representada aqui por *Corda Bamba*, aborda alguns temas presentes no cotidiano infanto-juvenil e, utilizando uma linguagem acessível a esse público, permite-lhe várias reflexões. Sob o olhar da pequena Maria, as dificuldades aparecem no relacionamento com os adultos, tanto no convívio familiar, como no escolar, onde existe uma relação autoritária alimentada pela avó e pela professora.

Voltando-se para a crítica social, a autora aborda as diferenças entre classes sociais distintas, as relações humanas e trabalhistas. Tudo isso é possível de ser observado pelo público leitor para o qual Lygia Bojunga se propõe a escrever, numa viagem ao maravilhoso mundo interior de Maria.

## **QUALIDADE DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL**

De uma forma geral, a qualidade de uma obra literária está diretamente relacionada, entre outras coisas, com o convite à participação do leitor para interagir com a história, com o uso de recursos lingüísticos que tornam a comunicação mais eficaz, independentemente do público leitor, e com a existência de um olhar crítico capaz de provocar um desconforto que leva à reflexão.

Diante disso, a análise de *Corda Bamba*, obra escrita por Lygia Bojunga, em 1979, permite a avaliação desses quesitos, responsáveis pela sua classificação como uma produção de qualidade já que, por retratar o mundo infantil, o leitor é capaz de se enxergar nas personagens e se emocionar, seja como um espelho de sua realidade, seja como memória que resgata o seu espírito pueril.

A linguagem utilizada pela autora está muito próxima daquela falada no cotidiano infanto-juvenil e, além disso, não vem carregada de marcas tradicionais, como o uso do texto padrão escrito, onde, por exemplo, a presença constante de pronomes oblíquos ou de verbos no tempo passado mais que perfeito, tornaria o texto mais formal.

O fato de *Corda Bamba* utilizar uma linguagem coloquial não o caracteriza, de forma alguma, como um texto de menor qualidade. Muito pelo contrário, alicerçados na quebra do paradigma de que os textos literários infanto-juvenis teriam apenas a função didática, os escritores contemporâneos deixaram de lado o uso exclusivo da língua materna padrão para criar linguagens próprias, inclusive com a presença de gírias e dialetos de grupos específicos.

Sobre qualidade do livro infanto-juvenil, Maria Zaira Turchi escreveu em *O estético e o ético na literatura infantil*, texto publicado na obra *Leitura e literatura infanto-juvenil: memória de Gramado*, que:

“Considerar o livro para crianças um objeto estético é reconhecer-lhe o estatuto de arte, não de obra paradidática, e perceber sua capacidade de construir um espaço textual plurissignificativo do ser humano diante do mundo.” (CECCANTINI, 2004: p.38)

E mais:

“Escrever para crianças não é dominar artifícios que venham a preencher um rótulo, mas é ser capaz de expressar-se dentro de uma ética de uma troca significativa em que o leitor se sinta tomando parte no mundo da literatura.” (2004: p.38)

Lygia Bojunga permite que seu leitor sinta-se caminhando na mesma corda bamba da pequena Maria, seja para ajudá-la a chegar ao outro lado, seja para refletir nos próprios conflitos. Motivos não faltam, pois seguindo a tendência contemporânea, a autora toca nas feridas da sociedade e é impossível não sentir nada com a situação de insegurança no trabalho de Márcia e Marcelo, com a relação dinheiro e poder simbolizada pela Dona Maria Cecília que culmina com a compra da

Velha da História, com o relacionamento humano sob vários pontos de vista apresentados na narrativa.

É interessante ressaltar que a mensagem transmitida em *Corda Bamba* chega ao leitor através das imagens dos fatos que são narrados e, dessa forma, com uma linguagem simbólica, a escritora consegue provocar diferentemente o seu público.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise estrutural, composicional e temática de *Corda Bamba* permite-nos adentrar ao campo da literatura infanto-juvenil e comprovar a qualidade literária dessa obra, uma vez que se observa a preocupação da autora em relação ao seu público leitor. Lygia Bojunga consegue, através de uma história que fica entre a realidade e a fantasia, seduzir o leitor e permitir a sua presença nesse mundo literário. Além disso, uma linguagem simbólica, baseada em imagens, possibilita diferentes enfoques dos conflitos que são apresentados.

Seguindo as tendências contemporâneas, que se baseiam na exploração da subjetividade e na busca da identidade, *Corda Bamba* rompe com a forma tradicional de narrativa, explicita a função de humanizar e não apenas didática da literatura infanto-juvenil, e apresenta um olhar crítico capaz de provocar reflexões.

Essa obra de Lygia Bojunga representa bem a produção literária infanto-juvenil brasileira contemporânea, que está conquistando, dia a dia, o seu espaço dentro da teoria, da crítica e do mercado literário.

## REFERÊNCIAS

BOJUNGA, Lygia. **Corda Bamba**. 23 ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2007.

CECCANTINI, João L. C. T. (org). **Leitura e literatura infanto-juvenil: memória de Gramado**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: Anep, 2004.

COELHO, Nelly N. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, Nelly N. A literatura infantil: um objeto novo. In: **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: história & histórias**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2007.

Children's literature first clearly emerged as a distinct and independent form of literature in the second half of the 18th century, before which it had been at best only in an embryonic stage. During the 20th century, however, its growth has been so luxuriant as to make defensible its claim to be regarded with the respect—though perhaps not the solemnity—that is due any other recognized branch of literature. Thus "children" includes "young people." Two considerations blur the definition. Today's young teenager is an anomaly: his environment pushes him toward a precocious maturity. Thus, though he may read children's books, he also, and increasingly, reads adult books. Second, the child survives in many adults. The children laughed and laughed at him. The Camarera told the Infanta to be quieter. A princess must not laugh so loudly. The dwarf was found by two rich Spanish men when he was running wild in the forest. His father happily sold his ugly child to them, and they took him to the palace as a surprise for the Infanta. There was one very funny thing about the dwarf. He did not seem to know how strange and ugly he looked. But the little Infanta was not there. The dwarf came to a second room. In the centre there was a big round table with red books on it. This was the room where the government officers met. The little dwarf was afraid, but he thought of the pretty Infanta.